

Subtil, F., Matos, J. N., & Baptista, C. (Eds.) (2024). *Um outro jornalismo é possível: media alternativos em Portugal*. Outro Modo. 298 pp. ISBN 9789893513330

Pedro Cerejo

(Centro de Estudos de Teatro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

(pedrocerejo@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0452-7693>

Pedro Cerejo: foi jornalista da imprensa escrita em órgãos de âmbito local e nacional. É tradutor e revisor de texto. É também doutorando em estudos de teatro no Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa com uma tese que se debruçará sobre a importância da imprensa e dos jornalistas (por via do trabalho em diversos géneros jornalísticos) para a formação e crescimento do movimento a que se chamou teatro independente português (1971–1981).

Submissão: 22/09/2025

Aceitação: 11/11/2025

Outro jornalismo foi, é e será possível

Resumo: Abarcando praticamente todo o século XX, o livro *Um outro jornalismo é possível: media alternativos em Portugal* junta textos que contam uma história alternativa dos meios de comunicação social portugueses que vão da I República aos anos 80. Por aqui passam as lutas entre anarquistas e comunistas, a resistência ao Estado Novo, o quotidiano da censura nas redações, a publicação e circulação clandestina da imprensa comunista e da imprensa estudantil, mas também a conquista da liberdade de expressão e de informação, a imprensa feminina ou os fanzines *underground* dos anos 80 e 90. Como se não fosse pouco, o livro ainda junta testemunhos de editores de diferentes meios (impressos e *online*) do que poderão ser os *media* alternativos da segunda década do século XXI. Eis um livro que olha para trás e para a frente.

Palavras-chave: Jornalismo; História da imprensa; Censura; *Media* alternativos.

Another kind of journalism was, is, and will be possible

Abstract: Covering practically the entire 20th century, the book *Um outro jornalismo é possível: media alternativos em Portugal* (*Another kind of journalism is possible: alternative media in Portugal*) brings together texts that tell an alternative history of the Portuguese media from the First Republic to the 1980s. It covers the struggles between anarchists and communists, resistance to the Estado Novo, daily censorship in newsrooms, the clandestine publication and circulation of the communist and student press, but also the conquest of freedom of expression and information, the women's press and the underground fanzines of the 1980s and 1990s. As if that were not enough, the book also brings together testimonies from editors of different media (print and online) on what the alternative media of the second decade of the 21st century might look like. This is a book that looks both backwards and forwards.

Keywords: Journalism; History of the press; Censorship; Alternative media.

O livro *Um outro jornalismo é possível: media alternativos em Portugal* apresenta um conjunto de singularidades que importa assinalar. A primeira é mesmo o facto de ser editado por uma cooperativa, a Outro Modo, que edita um jornal (a edição portuguesa do mensário *Le Monde diplomatique*); uma segunda é que — sendo uma obra coletiva — reúne uma primeira parte composta por ensaios e uma segunda parte feita de testemunhos escritos por responsáveis de diversos órgãos de comunicação social que podem ser considerados alternativos; e a terceira é que agrega tempos históricos muito diversos: os ensaios vão do período pós-I Guerra Mundial, com a criação do primeiro *Avante!*, em 1919, até aos fanzines *underground* da década de 1990, e os testemunhos escritos por responsáveis de órgãos como o *Fumaça* e o *Mapa* apontam para um tempo futuro e para os desafios que estes diversos projetos mantidos à margem dos grandes grupos de comunicação social nacional enfrentam.

Antes da descrição do livro, apresentemos um enquadramento geral, talvez injusto: a classe jornalística portuguesa padecia sempre de uma profunda incapacidade de se pensar a si própria, ao seu papel e aos seus modos de atuar. Considerar que a censura estatal vigorou até 1974 (vinda de muito antes de 1926), que até à década de 1970 esta era uma profissão desconsiderada e mal paga (em que os jornalistas da base, a categoria de repórteres, acumulavam colaborações de manhã, à tarde e à noite em diferentes publicações) e que só no início dos anos 1980 surgiram os primeiros cursos superiores de Jornalismo ou de Comunicação Social ajuda a perceber as debilidades da classe, que se revelam no facto de em 50 anos de democracia só terem sido realizados cinco congressos de jornalistas e de estes profissionais só terem feito duas greves gerais específicas do sector — a última das quais em março de 2024,¹ aquando do pico da crise na Global Media Group (então proprietária, entre outros, dos jornais *Diário de Notícias* e *Jornal de Notícias* e da rádio TSF), mas ainda antes da crise aberta no grupo Trust in News (proprietária das revistas *Visão* e *Caras* ou do quinzenário *Jornal de Letras*, entre várias outras publicações).

Até no mercado editorial essa debilidade nacional se nota: apesar da importância de coleções de história e de teoria dos *media*, como a da MinervaCoimbra no início dos anos 2000, dos livros que o Instituto de Comunicação da NOVA tem vindo a publicar nos

¹ Ver notícia do Sindicato dos Jornalistas: <https://jornalistas.eu/a-greve-geral-de-14-de-marco-entrou-para-a-historia-do-jornalismo-portugues-2/>.

últimos anos² ou do grande esforço que o Clube de Jornalistas faz para publicar a revista trimestral *Jornalismo & Jornalistas*,³ são relativamente poucos os livros em que jornalistas pensam e refletem sobre a sua profissão. E isto quando, sendo artífices da palavra e hábeis nos teclados de computador, se esperava que conseguissem pensar e escrever sobre os desafios e ameaças que o seu ofício enfrenta. Aliás, boa parte desse trabalho que tem sido feito é obra de antigos jornalistas que, reciclados em estudantes e professores universitários, encontraram na academia as condições para refletir sobre a sua antiga profissão. Não deixa, assim, de ser curioso que este livro seja editado por uma pequena cooperativa (a Outro Modo, responsável também pela publicação do jornal mensal *Le Monde diplomatique — edição portuguesa*) e coordenado por três investigadores do Instituto de Comunicação da NOVA: Filipa Subtil, José Nuno Matos e Carla Baptista. A mesma parceria já tinha permitido a publicação dos livros *A crise do jornalismo em Portugal* e *Os três D dos media. Desigualdade, desprofissionalização e desinformação*.

1. Construir o futuro com os olhos no passado

As quase 300 páginas de *Um outro jornalismo é possível: media alternativos em Portugal* dividem-se em duas partes: as primeiras 200 são ensaios sobre casos concretos de diferentes momentos históricos, de interesse e profundidade desigual, como é normal em obras coletivas; e a segunda parte recebe o raro título “Os meios falam por si próprios”, na medida em que responsáveis de experiências jornalísticas diversas foram convidados a escrever sobre o percurso dos meios de comunicação social que representam, num momento de profunda crise (nacional e internacional) de credibilidade, de meios financeiros e humanos e até de perspetivas do setor que pretende entregar notícias a um público leitor que hoje em dia parece estar mais interessado em *posts* curtos e vídeos bombásticos.

Já neste livro, dir-se-ia que há motivos de interesse para quase todo o tipo de leitores. Vejam-se as áreas estudadas nos pequenos capítulos da primeira parte: a imprensa radical de Lisboa no auge da influência anarquista, em “O *Avante!* de 1919: o jornalismo da imprensa radical”, por José Nuno Matos; uma interessante análise do quotidiano dos jornalistas em ““O coronel já telefonou?”; resistência nas redações dos jornais (1926–

² Ver a coleção dedicada à história do jornalismo português em <https://www.histjorn.fcsh.unl.pt/>.

³ Ver em <https://www.clubedejornalistas.pt/?cat=21>.

1974)”, de Júlia Leitão de Barros; as formas de publicação e distribuição, na década de 1940, pelos militantes do Partido Comunista Português do órgão oficial do partido, em “*Avante!*, o alternativo clandestino”, por Ana Paula Correia; em “Combatendo o fascismo e a opressão feminina: Maria Lamas e a fotorreportagem *As mulheres do meu país*”, de Filipa Subtil, a impressionante experiência de Maria Lamas aquando do trabalho de investigação, escrita e edição em fascículos desse inovador trabalho algures entre a reportagem jornalística e a pesquisa etnográfica; o cinema documental ao serviço da luta anticolonial nas então “províncias ultramarinas portuguesas” em África em “A luta de libertação, o cinema de propaganda e o que os filmes deixaram por contar”, de Catarina Laranjeiro; a imprensa estudantil e a sua importância no movimento associativo nos anos 60 de sucessivas crises académicas, em “Publicar é lutar: a imprensa estudantil, pedra angular do movimento associativo na universidade portuguesa (1956–1969)”, por Helena Cabeleira; a importância da revista *Seara Nova*, nas suas diferentes fases, como forma de resistência cultural ao Estado Novo, em “A renovação da *Seara Nova* e a resistência cultural ao Estado Novo (1958–1961)”, por Pedro Marques Gomes; uma inesperada análise dos boletins internos publicados nos estaleiros navais da Lisnave e da Setenave, tanto pelos departamentos de Recursos Humanos como por Comissões de Trabalhadores no período do PREC, em ““Vencer a indiferença política dos trabalhadores’: a imprensa interna nos estaleiros navais da Lisnave e da Setenave (1974–1975)”, de João Pedro Santos; em “Revista *Mulheres* (1978–1989), entre o feminismo e o comunismo”, por Joana Nunes Camurça, a ascensão e queda desta revista próxima do PCP; um importante relembrar dos modos de fazer em “As rádios piratas no Portugal democrático”, por Ana Isabel Reis; um belo rol de experiências e meandros *underground* que vão da música à BD e a alguma vontade política de transformação do quotidiano em “Fotocópias rebeldes: 50 anos + 1 de fanzines em Portugal”, de Afonso Cortez Pinto; ou, por fim, a experiência contemporânea das rádios *online*, em “O potencial desaproveitado das rádios comunitárias portuguesas: para uma comunicação alternativa mais inclusiva e de proximidade”, de Miguel Midões.

Verifica-se, por este conjunto de temas, que é mesmo de *media* alternativos que se fala neste livro: só no capítulo dedicado aos telefonemas dos coronéis da Censura é que há referência a redações de jornais diários e não há uma única menção ao meio televisivo — estes são os meios que implicam uma capacidade de investimento e de profissionalização que os *media* alternativos portugueses nunca conseguiram atingir, ao contrário do que

aconteceu e acontece em Espanha, Itália, França ou Inglaterra, com jornais impressos, agências noticiosas ou emissoras televisivas e radiofónicas que se classificam como alternativas. Saúda-se a abrangência de temas escolhidos e acolhidos pelos organizadores do volume mas não se deixa de apontar uma certa discrepância na profundidade e na qualidade da investigação dos capítulos, que tanto surgem repletos de dados e notas de rodapé — porque provenientes de dissertações de mestrado e teses de doutoramento — como surgem breves, vagos e praticamente sem bibliografia citada. Se há capítulo que prima pela originalidade tanto do tema como da abordagem é aquele dedicado aos fanzines — que dá vontade de desafiar o autor a responder a perguntas que aproximam estas publicações marginais da realidade dos *media mainstream* e a avançar para lá da importante descrição e tipificação que apresentou: quem eram os autores e colaboradores? Que papéis ocupavam (da escrita à fotografia, do desenho à paginação) esses colaboradores? Como se pagava a publicação, sobretudo naquelas de maior longevidade? Como era feita a distribuição (mão a mão, nos concertos, em associações, em quiosques escolhidos, por via postal)? Que redes de colaboração ou competição existiam entre os fanzines? Estas são todas questões que remetem para um período pré-internet, mas que também podem abrir caminhos e dar ideias aos responsáveis pelos *media* convidados a escrever na segunda parte deste livro.

Nas 80 páginas dedicadas aos *media* alternativos escolhidos para este exercício (e que também apresentam uma salutar diversidade de suportes, perfis, públicos-alvo, autonomia e até nível de profissionalização) surgem textos assinados por algum responsável ou textos coletivos dos seguintes meios: *Setenta e Quatro* (entretanto desaparecido, espelho da fragilidade económico-financeira de boa parte destes projetos), *Fumaça*, *Divergente* (dois projetos digitais que recorrem a bolsas e a sistemas de *crowdfunding* para apresentarem um inovador jornalismo de investigação que passa por textos escritos, *podcasts* e vídeos), o jornal *Mapa* (a única publicação impressa deste conjunto) e os meios digitais *Buala*, *SinalAberto* e *Sete Mares* (sendo o primeiro um excelente arquivo de pensamento crítico e pós-colonial atento a muito do que se passa na África lusófona e no Brasil e o último um meio virado para a cobertura e análise do fenómeno religioso, e não só católico, em Portugal).

Conclusão

Na diversidade de temas, de meios e de tempos históricos abordados neste volume de pequeno formato surgem informações, detalhes e estratégias de trabalho que podem ser úteis tanto para a análise histórica como para a rota futura de muitos pequenos *media* que tentam ultrapassar um estado quase artesanal próximo dos antigos fanzines e atingir um público cada vez mais vasto e seduzido por ângulos de abordagem originais para, dessa forma, poderem chegar a um nível de profissionalismo e de sustentabilidade económico-financeira (como é o caso, com todas as deficiências que ainda se possam apontar de vários dos meios convidados a escrever). E nestes merece especial destaque o jornal impresso *Mapa*, que, de forma praticamente subterrânea, mas com distribuição em todo o país, completou dez anos de publicação ininterrupta de um jornalismo verdadeiramente alternativo porque anticapitalista, ecológico e associativo.

REFERÊNCIAS

- Matos, J. N., Baptista, C., & Subtil, F. (Orgs.). (2021 [2017]). *A crise do jornalismo em Portugal*. Outro Modo.
- Matos, J. N., Subtil, F., & Baptista, C. (Orgs.). (2021). *Os três D dos media. Desigualdade, desprofissionalização e desinformação*. Outro Modo.
- Subtil, F., Matos, J. N., & Baptista, C. (Eds.). (2024). *Um outro jornalismo é possível: media alternativos em Portugal*. Outro Modo.